Ano 2, n. 4, 2009
Seção Colunas
01/08/2009

Por que não ler adaptações para jovens?

Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo é Doutor em Literatura Comparada, Professor Associado de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da UERJ e pesquisador do CNPq. Publicou doze ensaios, entre eles “A Educação pelo Argumento” e “O Livro da Metaficção”, e onze romances, entre eles “A filha do escritor” e “Nanook”. Publicou, pela editora Rocco, o livro “Conversas com um professor de literatura”, contendo 50 crônicas desta Revista Eletrônica do Vestibular da UERJ. Seu ensaio “A ficção de Deus”, publicado pela Annablume, acaba de receber o Prêmio da Biblioteca Nacional para o Melhor Ensaio Literário de 2015. Edita o site www.gustavobernardo.com, sobre as suas obras.

Na crônica passada, eu dizia que a obsessão por resumos facilitadores começou do lado de fora dos muros escolares, no crescimento da "mentalidade reader□s digest" e da "pedagogia fahrenheit".

A "mentalidade reader□s digest" tira seu nome da popular revista norte-americana que resume livros inteiros para um público alimentado a "fast food" e "fast thinking". Além dos resumos, a revista apresenta reportagens igualmente condensadas, mas todas sustentando um ponto de vista edificante para "inspirar" seus leitores através de bons exemplos. Tanto as narrativas quanto as reportagens supõem leitores sem tempo e sem disposição para ler e pensar, justificando que a revista faça esse trabalho "pesado" para eles ao lhes entregar os textos resumidos, ou seja, previamente "mastigados" e "digeridos".

O escritor Ray Bradbury fez a crítica mais contundente a essa mentalidade no seu romance "Fahrenheit 451", publicado em 1953. O romance imagina um futuro sombrio em que os bombeiros se dediquem não a apagar incêndios mas sim a queimar livros. Todo aquele que resiste em guardar livros e continuar lendo é igualmente incinerado □ vivo.

Como se chega a esse futuro flamejante? À proporção que a vida moderna se acelera, os livros se reduzem primeiro a breves condensações, depois a emissões radiofônicas de quinze minutos, por fim a dez linhas no verbete de uma enciclopédia, até que as próprias enciclopédias se tornam dispensáveis. Nesse futuro, as universidades param de produzir professores. Nos bares e nas escolas espalham-se "joke-boxes": caixas de música que não tocam música, apenas contam piadas. A palavra "intelectual" se converte em insulto.

Entretanto, alguns rebeldes vivem nas florestas como nômades, ocupando-se em guardar de memória os livros que leram: são bibliotecas ambulantes que se disfarçam de vagabundos. Eles dizem: "We□re nothing more than dust jackets for books" □ "nós não somos mais do que as capas empoeiradas dos livros", guardando suas palavras agora que os livros foram queimados.

Ora, o que são as "adaptações literárias para jovens" dos clássicos da ficção senão uma espécie de □pedagogia fahrenheit□? Trata-se, sem meias palavras, de um crime de lesa-literatura, isto é, de um crime contra os corações e as mentes de gerações inteiras. Os professores não percebem que, adotando adaptações para jovens, tornam-se cúmplices desse crime; não percebem que começam a queimar os livros que deveriam amar.

Considero as adaptações literárias para jovens uma praga e ainda quando bem feitas, porque o mal que fazem se torna mais difícil de perceber. Todas as adaptações são obviamente muito menores do que os originais que adaptam, corroborando a tese de que a velocidade da vida moderna exige livros cada vez mais finos. Ora, esta exigência implica outra: deve-se ler cada vez menos. Deixa-se implícita a derradeira exigência: deve-se pensar cada vez menos, até que finalmente todos parem de pensar. Nessa "tendência para o monossílabo como forma de comunicação, de degrau em degrau vamos descendo até o grunhido", adverte o escritor José Saramago em entrevista recente.

Adaptadores e professores se justificam dizendo que têm boa intenção: querem divulgar os grandes autores para jovens leitores que de outra forma não os conheceriam. No entanto, ler o "grande" na forma "pequena" torna o grande, pequeno! Na verdade, essa prática impede a compreensão e até o conhecimento do verdadeiramente grande. Jovens que leem uma adaptação crescem convencidos de que já leram o livro que de fato nunca leram. Pior: muitos professores que adotam adaptações nunca leram eles mesmos os textos originais, convencidos de que já sabem o que ainda não sabem.

Todas as adaptações de "O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha", de Miguel de Cervantes, só mostram as derrotas ridículas do Cavaleiro da Triste Figura, como a luta contra os moinhos de vento, apagando as suas muitas vitórias e os seus muitos momentos de sabedoria. O elogio quixotesco da loucura contra a loucura da razão dominante ecoa elogio equivalente do filósofo Erasmo de Rotterdam, leitura preferencial de

Cervantes, mas na adaptação torna-se apenas o riso cruel do leitor frente à loucura alheia.

Nenhuma adaptação de "Alice no país das maravilhas", de Lewis Carroll, enfrenta os seus paradoxos lógicos. O episódio em que Alice cresce e diminui até se deformar numa menina de cabeça enorme e corpo pequenino é emblemático do dilema das adaptações dos clássicos. Nossa época e ensino acabam produzindo Alices ao contrário: leitores de corpo enorme (alimentado a toddinho) e cabeça mínima (alimentada por adaptações e outras facilitações).

A única maneira de levar os jovens à leitura dos clássicos está em levá-los a ler cada vez mais e melhor, e sem pular etapas. Há literatura de excelente qualidade para todas as idades: por que adotar livros em miniatura? Por que seguir o exemplo nefasto das nefastas "Seleções do Reader□s Digest"? Elas também têm boas intenções, como mostram suas reportagens edificantes, mas na prática emburrecem mensalmente o seu público.

Não importa que a intenção dos adaptadores e dos professores seja igualmente "boa"; o resultado é um crime de lesa-literatura que afeta tanto o livro, que perde a oportunidade de ser lido adiante, quanto o leitor, que perde a oportunidade de ser desafiado. Reforça-se a cultura do facilitário, do digestível, vendendo o gato no lugar da lebre e a adaptação no lugar do livro original.

Através dessa "pedagogia fahrenheit", queimam-se nossas melhores esperanças.